DISCURSO DE SAUDAÇÃO AOS NOVOS SÓCIOS NA SESSÃO SOLENE REALIZADA NO INSTITUTO DO CEARÁ EM 26.04.1977

RECEBENDO NO INSTITUTO

Arruda Furtado

Senhores recipiendários:

Nas galas desta noite o Instituto vos recebe como sócios.

Há poucos dias, no Instituto dos Advogados, e na qualidade de recipiendo de novos companheiros, dizíamos — e repetimos agora, em situação semelhante — dizíamos que, em ocasiões como esta, há inegável reciprocidade de honrarias.

Na verdade, se é decoroso para vós participar desta Casa veneranda, como o revelastes na aceitação da vossa escolha, o Instituto também se honra em acolher, agora, no seu quadro, dois eminentes conterrâneos com o vosso valor humano e o vosso porte cultural.

É nosso, com muita alegria para nós, o encargo de vos saudar, e de traçar, em rápido escorço, o vosso panegírico, a começar pelo que conta um pouco mais de tempo, na idade, embora sejam ambos da mesma geração.

Esta festa é vossa, vossos os elogias do homem e dá obra, vossa a parte maior da alegria comum que nos empolga. E sendo vossos os enaltecimentos do mérito de cada qual, sopitai a modéstia por algum tempo, violentai a humildade intelectual, porque já se disse que a humildade é a verdade, e Cristo Senhor Nosso, para aplacar constrangimentos, deixou-nos a fulgurante lição que está em Mateus, V. 16: "Brilhe a vossa luz diante dos homens, a fim de que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem vosso Pai que está nos céus".

ITAMAR DE SANTIAGO ESPÍNDOLA

Oriundo de uma dessas, a que já chamamos de boas, maravilhosas famílias nordestinas da classe média, de formação profundamente cristã e brasileira, teria de ser, no curso de sua trajetória, a expressão mesma da escola em que plasmou o seu caráter. Teve, como tantos outros de virtuosas origens, a felicidade das lições e do exemplo de um homem de bem, que foi seu pai.

Certo, não fora a figura de eleição de José Eduardo Espíndola, varão exemplar no nosso meio, o filho não teria alcançado, talvez, o alto padrão que ostenta aos semelhantes. E que satisfação não externaria, no esplendor desta festa o venerando ancião, se aqui fisicamente se encontrasse na glorificação do filho mui dileto. Participa, porém, da comum incontida alegria, na comunhão espiritual que une as duas igrejas, a que caminha nas sendas deste mundo e a que demora nos páramos do além.

Os estudos de humanidades, fê-los no velho Liceu do Ceará. Era a casa que recebia, como o Seminário Provincial de Fortaleza e o Colégio Militar, a maioria dos jovens desta terra pobre, com um imenso agrupamento de famílias de poucos recursos, em tempo de maior dificuldade, quando o número dos ricos se contava pelos dedos.

Seu grande sonho era a medicina. Mas a economia doméstica não lhe poderia facilitar, senão com maior sacrifício, os meios de ir fazer, fora de Fortaleza, sem escola de médicos, então, o curso que almejava. E ingressou em o nosso Instituto de Direito, diplomando-se bacharel.

Curioso é que desviado da profissão do seu anelo, tal foi porém nos estudos seu empenho, que saiu advogado dos mais aptos e jurista que engrandece toda a classe. Mas a vocação de médico lhe seguiu os passos, eis que sempre demonstrou interesse na ciência de curar, a ponto de escrever livros que são da área também da medicina psicossomática, como alguns que ilustram a sua não pequena bibliografia.

No campo próprio das atividades profissionais, além de conquistar renome de advogado culto, interessado, diligente e e sério, alcondorou-se às mais altas posições da classe, como a presidência do Conselho Seccional da Ordem dos Advogados e a presidência também do Instituto dos Advogados, professores de Direito, magistrados ou membros do Ministério Público.

No Serviço Administrativo Estadual exerceu destacadas funções: Oficial de Gabinete da Secretaria da Fazenda, membro da Comissão de Concorrência do Tesouro, Guarda-livros do Tesouro, Auxiliar-técnico da Comissão de Fiscalização das Obras do Porto, Representante do governo na Comissão de Tomada de Contas do Concessionário do Porto da Capital e Taquígrafo da Assembléia Legislativa.

No âmbito da Administração do Governo Central atuou e ainda atua, no exercício de cargos importantes. Foi Delegado do Instituto de Aposentadoria dos Ferroviários e é Procurador da Previdência Social.

O magistério e o jornalismo não lhe foram estranhos, a ambos os setores emprestando o brilho de sua inteligência.

Sua formação filosófico-religiosa, explicação do seu retilínio modo de ser, foi buscá-la na fonte cristalina do Evangelho e nas lições da perene filosofia. Teve a sorte de viver em outra época, mui diferente daquele em que o preconceito anti-religioso se encastelava em inteligências que não viam a Verdade, obcecadas por um sectarismo que recebera de Cristo a denominação de cegueira a mais nefasta, quando exclamou que o pior cego é, exatamente, aquele que não quer ver.

Realmente, na época anterior a que nos referimos, pontificava, dentre outras doutrinações sem originalidade, espelho apenas de idéias do além mar, a que ditava Tobias Barreto. Da Escola do Recife, o sergipano e seus presélitos tomavam de assalto a incauta inteligência juvenil do Nordeste, despreparada para resistir. Investia, com o furor de inconoclasta, até contra os gênios, impulsionado por sectarismo incondizente com o verdadeiro espírito filosófico. Diante disso é que explodia o desabafo de Leonel Franca, nestas frases: "É realmente indigno e revoltante o modo por que este pigmeu da filosofia trata do grande gênio católico, diante do qual desfilaram, reverentes, as gerações de 7 séculos".

Compreende-se a repulsa contundente do sereno pensador da Gávea, quando se lê, em "Polêmicas", pág. 25: "Eis aí mais um *doctor parvus* ao lado do *doctor angelicus*. Um apíteto vale o outro". E mais adiante, à pág. 31: "Todas as razões demonstrativas da existência de Deus, que ensinam os filósofos asneirões, inclusive S. Tomaz e sua gente, são dignas de apupos e pedradas". Assim tratava Tobias, sem o mínimo respeito, das idéis do Aquinati, idéias que para Ihering "eram pensamentos másculos de espírito vigoroso".

Pouco a pouco os filósofos de cá se foram libertando da tutela estranha, que só por ser estranha a nós se impunha, como se não tivéssemos cabeça, para pensar e distinguir.

Farias Brito foi corifeu dessa independência mental, tendo tido a coragem de opor seu pensamento ao de afamados mestres europeus. Pouco lhe importava a glorificação dos criticados, fossem Kant, Comte ou Spencer.

Mais tarde, Jackson de Figueiredo haveria de clamar mais alto, para colocar nos planos merecidos, aqueles pensadores de alto porte, cuja ciência e sinceridade não poderiam mais sofrer as vis chacotas pelo simples fato de seguirem o Evangelho.

Foi nessa fase já de campos definidos, que Itamar pôde escolher a escola em que formou seu pensamento. Na União de Moços Católicos e, principalmente, na Congregação Mariana Acadêmica dos Padres Jesuítas, do passado, foi tal o aprendizado que até hoje é homem de conhecidas coerências.

Resta-nos, nesta aligeirada apreciação de tempo limitado, falar-vos da variada e multiforme obra, que constitui bagagem de bom prelo, na vida intelectual do apresentado.

Trabalhos jurídicos, psicológicos, literários, filológicos, e parapsicológicos, vários deles afinados com os altos objetivos do Instituto, eis o que nos mostra, como frutos opimos de suas reflexões e suas pesquisas.

Dentre onze obras jurídicas, oferece monografias e livros de valor, uns versando o Direito Civil, na área das locações prediais e nos casos complicados de aluguer. Nessa parte, quanto ao livro Inquilinato, de comentários e jurisprudência, emprestamos-lhe, em 1963, a nossa modesta parceria, sem delimitações quanto à autoria dos escólios.

Nas incursões pelo Direito Administrativo, deu-nos **Autarquias** e **Acumulações Remuneradas.** E na seara do Direito Trabalhista, **Renúncia** e **Estabilidade** e **Estabilidade e Fundo de Garantia do Tempo de Serviço** trabalhos que dão ao leitor uma síntese perfeita daqueles institutos.

No rol de trabalhos de natureza psicológica com três ainda em preparo, contem-se estes livros já editados: **Confissão e Psicanálise, Equilíbrio**

do Sistema Nervoso, O riso Rejuvenesce e O Fumo Encurta a Vida. São quatro obras em que surge, espontânea e bem viva, aquela vocação de médico desviada do seu roteiro.

Nas obras literárias, **Mãe, Guardião da Ordem Pública, Função Social do Motorista, A formosura e a Beleza Feminina, Advogados Santos,** além de um estilo próprio, claro e escorreito, aprecia-se a mensagem do escritor, sempre pautada pelo seu modo de sentir e de explicar a vida.

Finalmente, nos trabalhos de filologia, é o intelectual preocupado com a pureza e a beleza do vernáculo.

Eis, em rápido debucho, exmas. senhoras e meus senhores, a vida e a obra do ilustre conterrâneo que o Instituto vem trazer para cadeira até então vazia, do saudoso consócio Gomes de Freitas.

JOSÉ CAMINHA ALENCAR ARARIPE

Eis outro que chega ao nosso Sodalício para a cadeira do amigo e saudoso consócio José Oswaldo Araújo. Vem, cingida a fronte já com os louros acadêmicos, acrescentando os laços que nos unem à Academia de Letras, pois muitos dos nossos companheiros participam por igual do Panteão das letras cearenses.

Patrício que vem, na sua ancestralidade, do fundo mesmo de nossa História, e provém de melhores famílias da classe média, com razízes remotas nos clãs da civilização do couro e da rapadura. Caminha Gondim, do baixo e médio Jaguaribe, Alencares do Crato e Jardim, escrevendo nas estâncias ubérrimas do Cariri páginas jamais esquecidas de nossa crônica política e social.

Sua formação haveria de receber, do mesmo modo, aquelas salutares influências da Fé e da Tradição, de maneira a lhe dar norte seguro, conduta cristã e apego indestrutível às fontes impolutas da civilização brasileira e nordestina.

Bacharelou-se em Ciências Contábeis e Atuariais, mas as escritas e os balanços não o atraíram tanto, que outra era a sua vocação.

Iniciou-se na vida partidária, representou nosso povo na Câmara da Capital, mas a vida parlamentar não o seduziu, que outra era a seara do seu

cultivo, em que faria desabrochar, desde muito moço, na redação do O POVO, o seu irrefreável pendor pró-jornalismo.

Alencar Araripe é repórter. Sua vida está de tal modo impregnada de papel, cheiro de tintas, tipos, fotogravuras e prelos, que tem feito jornalismo em plenitude. Repórter ela o é, e laureado com prêmios merecidos.

Jornalista na acepção mais completa desse termo, não se limita ao magistério da pena em folha volante, pois também é professor de jornalismo, lecionando com a sua larga experiência aos nossos jovens, no Curso de Comunicação Social da Universidade Federal.

Na sólida obra literária, em que o sociólogo e o ensaista se apresentam, aqui e ali o homem de imprensa se revela, ora repórter, ora editorialista de assuntos graves.

O seu primeiro livro, **A Faculdade de Medicina e Sua Ação Renovadora** (1948), é mais do pesquisador que do repórter. Ali se perpetua, em toda a histórica da fundação do nosso Instituto de Ciências Médicas. Trata de sua gênese, de sua organização, ajunta dados estatísticos preciosos, ilustra com fotografias hoje raras, de modo que quando se fizer a crônica da benemérita e indispensável instituição, o historiador do futuro não poderá dispensar aquilo que, com beneditina paciência, Araripe coligiu para a posteridade.

Alguns grandes livros da literatura universal não foram senão grandiosas reportagens. E dentre estes **Os Sertões**, em que o genial repórter, testemunha da tragédia grega de Canudos, imortalizou-se como escritor.

Alencar Araripe tem um livro reportagem, o Admirável **Nordeste, Pão e Água**, de 1959, documentário vivo das desgraças desta terra. Muitas décadas depois do brado de Euclides, apontando as misérias do Nordeste do seu tempo, Araripe voltava à mesma tecla, igualmente bradando e clamando como voz que soa no deserto.

Não se diga que em tão longo tempo nada se fez para a redenção do recanto mais brasileiro do Brasil. Aí estão, na verdade, obras e empreendimentos, SUDENE, BNB, DNOCS e outros órgãos e programas. Mas sucede que os desníveis nacionais não se desfazem em curto prazo, com medidas que a tecnocracia inventa e às vezes falham. O de que se precisa é de uma consciência do valor humano e cultural do Nordeste, de uma distribuição

de renda mais eqüanime, é de diminuir egoísmos nas regiões industrializadas, é de uma integração que tem custado tanto, apesar dos esforços despendidos.

Paulo VI, na **Populorum Progressio**, seguindo a esteira dos seus grandes predecessores, aponta a obrigação dos povos ricos de ajudarem os outros que são pobres, e até míseros. E esse dever vigora na ordem interna, pois a justiça pra ser boa mister é que comece logo em casa.

Não que peçamos esmolas e aceitemo-las, mas urgem providências efetivas, para que possamos, ao menos nos aproximar daquelas Províncias, irmãs nossas, de terras mais ferazes, de clima mais ameno, de indústria em progressão, de gente mais nutrida, e mais sadia.

Nordeste, Pão e Água representa um marco.

Outro livro de Araripe, **Do Sonho de Brasília à Realidade do Nordeste**, série de reportagens de palpitante interesse, revela mais uma vez a perspicácia do observador, a intuição do repórter e a prudência do sociólogo na análise profunda dos vários temas. É roteiro no estudo do problema da mudança da Capital e no estudo das necessidades e potencialidades do seu e nosso Nordeste.

Seu livro mais denso e valioso, a nosso ver, certamente em virtude da vida trepidante que descreve, é a biografia de Delmiro Gouveia, **A Glória de Um Pioneiro.** Bastaria esse trabalho para consagrá-lo escritor.

Essa vida de Delmiro, que mais parece uma saga sertaneja, desde o episódio novelesco da vida do pai; desde o nascimento do pimpolho às margens do Ipuçaba tranqüilo; desde a contemplação da bica deslumbrante, até o termo da luta feroz do herói e o tripudiar do **trust** inglês sobre o sonho caboclo, tudo está ali ao alcance do leitor.

A experiência de biógrafo usou-a novamente, em **Médico, Político e Homem de Letras,** no retrato bem veraz e lisonjeiro do insigne Fernandes Távora, saudoso membro do Instituto.

Homem de imprensa, suas preocupações não se restringem ao regional e ao nacional mas vai penetrar nos problemas do mundo, mundo que encolheu como disse o caboclo, na razão direta do progresso em comunicação. Por isso, publicou **O Mundo em três dimensões,** ensaio dos mais

interessantes, que começa em estudo sobre a América Latina e passa para a Europa do após guerra. É livro, como diz o editor, que precisa ser lido por todos aqueles que se interessam pelos problemas atuais do mundo.

Não seria possível, exmas. sras. e meus senhores, nos lindes deste discurso, fazer a crítica da obra avultada de Itamar Espíndola e J. C. Alencar Araripe. Fizemos só ligeiras referências à alentada produção dos ilustres patrícios, pelas quais se vê o subido mérito de ambos, se bem que tal merecimento, de tão proclamado e conhecido em nossa terra, dispense apresentação

Nossa missão maior é a de saudar-vos, caros recipiendários, na hora em que transpondes os umbrais vetustos desta Casa. Aqui formareis conosco uma plêiade, pouco encontradiça, é certo, que tem por meta de velha experiência apontar pro futuro as vias certas, pelo conhecimento dos erros e acertos do passado.

Sede bem-vindos.